

PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL ACERCA DO RETORNO ÀS ATIVIDADES PRESENCIAIS

RENATA GONÇALVES DE OLIVEIRA¹; JÚLIA MESKO SILVEIRA²; ANDRIELE DE SOUZA SIMÕES³; DIANA CECAGNO⁴; DEISI CARDOSO SOARES⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – renata_oliveirag@yahoo.com

²Universidade Federal de Pelotas – juliamesko6@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – andrielesouza@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – cecagnod@yahoo.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – soaresdeisi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pandemia afetou diversas esferas no cenário mundial, gerando medo e mudanças na vida de toda a população. O mundo passou meses enfrentando políticas de isolamento social e adaptação, e isso acarretou em novas realidades para o sistema educacional (OLIVEIRA, NETO, OLIVEIRA, 2020).

Como primeira etapa da educação básica, a educação infantil é destinada a crianças na primeira infância, ou seja, crianças de 0 a 6 anos. São creches e pré-escolas, públicas ou privadas, que cuidam e educam as crianças em período parcial ou integral, sendo supervisionadas por um órgão competente do sistema de ensino. As escolas oferecem para as crianças um local de socialização fora do ambiente familiar, auxiliando no desenvolvimento psicomotor e cognitivo (BRASIL, 2013; ALMEIDA; SILVA JÚNIOR, 2021).

Ter acesso a educação infantil é um direito de todas as crianças, independentemente de etnia, sexo, nível socioeconômico, origem/localização geográfica, bem como deficiência física ou mental (BRASIL, 2013).

O projeto de extensão “Promoção à Saúde na Primeira Infância”, da Faculdade de Enfermagem (FEn), realiza ações de educação em saúde para profissionais, crianças e familiares no âmbito das Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) da cidade de Pelotas. Os temas desenvolvidos nas ações realizadas com o público-alvo, emergem das reuniões, conversas e questionamentos com os profissionais atuantes.

Portanto, entende-se que desta forma podem ser identificadas demandas com potencialidade de serem trabalhadas, a fim de que a promoção da saúde na primeira infância tenha a importância devida, tanto para as escolas quanto para a família e seu entorno.

O objetivo deste trabalho foi conhecer a percepção dos profissionais de educação infantil acerca do retorno das crianças às atividades presenciais.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de abordagem quantitativa. Realizado com profissionais de educação, em uma escola de educação infantil, localizada no centro de Pelotas. Em um primeiro encontro, foi apresentado à direção o projeto de extensão “Promoção à Saúde na Primeira Infância”, seus objetivos e atividades a serem ofertadas na escola, além da intenção do levantamento de dados. Posteriormente, três encontros foram agendados e ocorreram em três manhãs, a fim de alcançar o maior número possível de profissionais para participar. Os encontros foram mediados pela coordenadora do projeto e acadêmicos de enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, nos meses de maio e junho de 2022.

Realizou-se uma dinâmica de grupo com os participantes, cujo foco era integrar o grupo e desenvolver um ambiente confortável para oportunizar um momento de troca, assim todos poderiam verbalizar seus anseios e preocupações vividos durante o cenário pandêmico, além de mudanças na vida pessoal e profissional de cada um. E apresentado informações sobre o projeto e seus objetivos aos profissionais.

Logo após esse momento, foram entregues questionários autoaplicáveis, objetivando delinear o perfil dos profissionais de educação, bem como suas percepções sobre as crianças. Nos três encontros, 53 profissionais participaram da atividade e obteve-se 29 questionários respondidos.

Após as atividades na escola, os dados coletados através dos questionários foram colocados em um formulário do *Google* para que fosse possível visualizar em forma de gráficos e porcentagens todos os resultados obtidos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do total de 29 respondentes, tem-se que 93,1% (27) são do sexo feminino e 6,9% (2) do sexo masculino, cujas idades variam de 31 a 45 anos.

Um estudo foi realizado em escolas municipais de Vilhena, município de Rondônia, para identificar como as professoras da educação infantil compreendem o predomínio do gênero feminino na docência. Por conseguinte, foi concluído que as mesmas relataram que as mulheres possuem mais habilidades para cuidarem das crianças do que os homens, além de ser algo cultural e ideológico (PENAFIEL; SILVA; ZIBETTI, 2019).

Ainda, 89,7% dos indivíduos se declararam brancos e quase 80% relataram possuir ensino superior completo. De fato, segundo a Síntese de Indicadores Sociais, conforme livro publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), entre os anos de 2019 e 2020, e dentre a população brasileira empregada, somam-se 11.939 pessoas declaradas brancas com curso superior completo, contra 6.828 pessoas declaradas pretas e ou pardas, estes ocupando aproximadamente 36% dos diplomados no ensino superior brasileiro no período citado. Em contrapartida, indivíduos declarados pretos/pardos correspondem a 66% das pessoas sem grau de instrução ou fundamental incompleto, 61% com fundamental completo ou médio incompleto e 55% com médio completo ou superior incompleto.

No questionário havia uma questão de múltipla escolha, acerca das diferenças comportamentais e cognitivas apresentadas pelas crianças antes e depois da pandemia, essas foram elencadas na Figura 1.

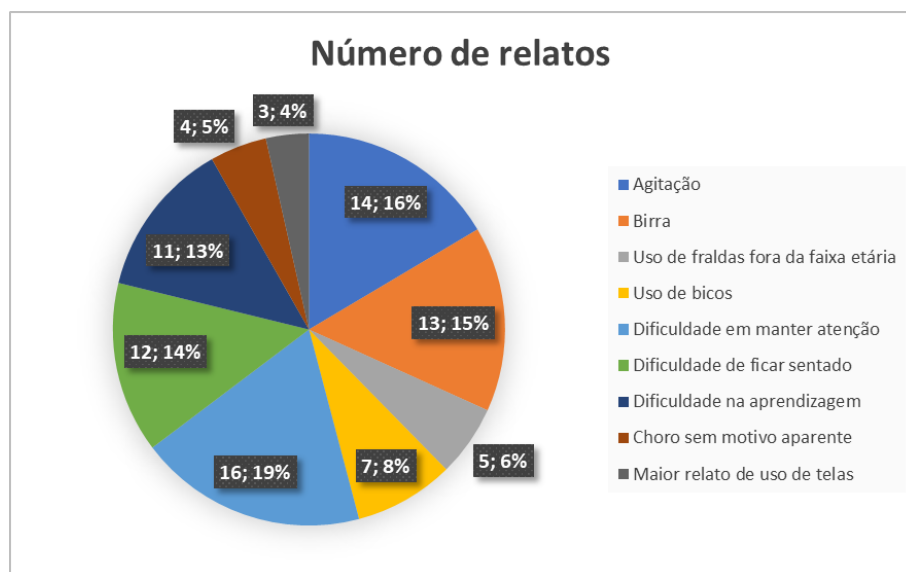


Figura 1: Diferenças comportamentais e cognitivas de crianças de 0 a 6 anos

O contexto de isolamento e a mudança no cenário educacional, restringiu o convívio das crianças e alterou a dinâmica das famílias, isso acarretou em diversas implicações no desenvolvimento comportamental, cognitivo e social (FIOCRUZ, 2021).

Nota-se que aspectos como agitação e birra foram citadas como recorrentes, e isso é corroborado por autores (FIOCRUZ, 2021; FUNDAÇÃO MARIA CECÍLIA COUTO, 2021; MATA *et al.*, 2020; POLANCZYK, 2020). Estes, descrevem que sintomas como irritabilidade e agitação são decorrentes do longo período que as crianças passaram em casa e afastados do ambiente escolar.

Outros sintomas mais apresentados foram as dificuldades de manter a atenção 61,5%(16), permanecer sentado 46,2%(12) e na aprendizagem 42,3% (11). Em seu estudo, Mata *et al.* (2020) abordaram que uma das principais mudanças no comportamento foi a dificuldade de concentração, e que o tema merece ser considerado a fim de buscar acompanhamento e cuidado para as crianças. Além disso, Costin *et al.* (2020) evidenciaram que por conta de desigualdades presentes na educação, o retorno às aulas poderá gerar uma crise de aprendizagem em expansão.

É necessário compreender o contexto trazido pela pandemia com objetivo de atuar em medidas de prevenção para os efeitos na saúde mental dos atingidos, além de identificar agentes estressores precocemente, pois esses devem ser monitorados pelos responsáveis, profissionais da educação e de saúde (POLANCZYK, 2020).

4. CONCLUSÕES

Este trabalho possibilitou aos acadêmicos conhecer o perfil sociodemográfico dos profissionais da escola infantil e seu contexto. Ademais, é importante compreender as mudanças apresentadas pelas crianças, e a partir disso elaborar formas de minimizar seus efeitos dentro da escola.

Foi possível identificar temas que precisam de atenção do projeto, a fim de auxiliar os profissionais em suas atuações, bem como a abordagem a ser realizada com os pais frente às necessidades apresentadas por seus filhos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, I.M.G.; SILVA-JÚNIOR, A.A. Os impactos biopsicossociais sofridos pela população infantil durante a pandemia do COVID-19. **Research, Society and Development**, v.10, n.2, e54210212286, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Dúvidas mais frequentes sobre educação infantil**, 2013. Disponível em: <<http://pedagogiacomainfancia.blogspot.com/2013/08/duvidas-mais-frequentes-sobre-educacao.html>>. Acesso em: 15 ago 2022.

COSTIN, Claudia et al. **A escola na pandemia**: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus. 1. ed. Porto Alegre: Ed. do autor, 2020. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/institutoinovacao/wp-content/uploads/2020/09/ebook-a-escola-na-pandemia-com.pdf>>. Acesso em: 16 de ago de 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **COVID-19 e Saúde da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-crianca/covid-19-e-saude-da-crianca-e-do-adolescente-segunda-edicao/>> Acesso em: 16 ago 2022.

FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL (FMCSV). **Retorno às atividades presenciais na educação infantil**. Disponível em: <<https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/biblioteca/retorno-atividades-presenciais-educacao-infantil/>>. Acesso em: 16 de ago de 2022.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira : 2021 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro : IBGE, 2021. 206 p.

MATA I.R.S.; DIAS, L.S.C.; SALDANHA, C.T; PICANÇO, M.R.A. As implicações da pandemia da COVID-19 na saúde mental e no comportamento das crianças. **Residência Pediátrica [online]**, v.10, n.3, 2020. Disponível em <<https://residenciapediatrica.com.br/detalhes/643/as%20implicacoes%20da%20pandemia%20da%20covid-19%20na%20saude%20mental%20e%20no%20comportamento%20das%20criancas>> .Acesso em: 15 de ago de 2022.

OLIVEIRA, A.S.S.; NETO, A.B.A.; OLIVEIRA, L.M.S. Processo ensino-aprendizagem na educação infantil em tempos de pandemia e isolamento. **Ciência Contemporânea**, v.1, n.6, 2020.

PENAFIEL, K. J. Q.; SILVA, C. A.; ZIBETTI, M. L. T. Reflexões de professoras de Educação Infantil sobre a condição feminina na docência. **Revista Momento**, v. 28, n. 3, p. 65-86, set./dez., 2019. Disponível em: <file:///home/chronos/u-ade50d7b325c00d9470ef71b151158065a220428/MyFiles/Downloads/8814-Texto%20do%20artigo-28484-1-10-20191218.pdf>. Acesso em: 04 de agosto de 2022.

POLANCZYK, G. V. O custo da pandemia sobre a saúde mental de crianças e adolescentes. **Jornal da USP**: São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/o-custo-da-pandemia-sobre-a-saude-mental-de-criancas-e-adolescentes/>> .Acesso em: 16 ago. de 2022.